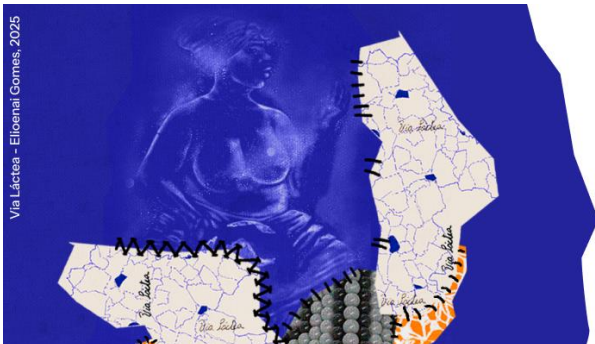




ARTE, COMUNIDADE E O SABER DA EXPERIÊNCIA: DIÁLOGOS ENTRE FLORESTA E UNIVERSIDADE NA AMAZÔNIA

Vitor de Lima Gonçalves¹ – UEA

Amanda Aguiar Ayres² – UEA

Introdução

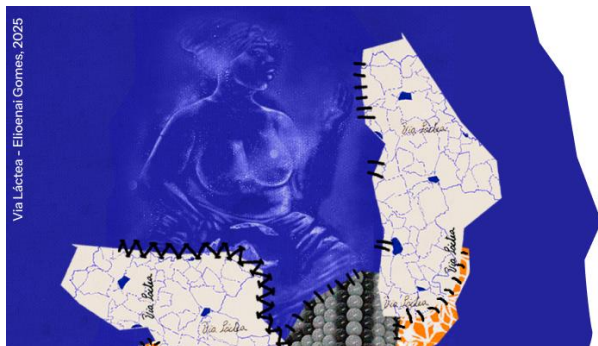
Este resumo expandido apresenta um relato de experiência que articula o saber da experiência, segundo Jorge Larrosa (2002), com as práticas artísticas do Alegriah Grupo de Arte e Cultura, em diálogo com os aportes teóricos da Licenciatura em Teatro da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). O trabalho se realiza num contexto periférico urbano de Manaus, na Comunidade da Compensa, onde o Programa Arte e Comunidade da UEA e a metodologia do Teatro do Oprimido (BOAL, 1979) possibilitam diálogos profundos entre universidade, comunidade e processos culturais amazônicos. O objetivo é destacar como a experiência vívida e compartilhada pode transformar práticas acadêmicas e comunitárias, gerando um teatro que respira a floresta e a vida amazônica.

O Saber da Experiência e Suas Implicações na Amazônia

Jorge Larrosa (2002) define o saber da experiência como algo que vai além da acumulação de informação, configurando-se como um processo aberto à transformação, baseado no que "nos passa", produzindo uma deslocação interna no sujeito. Essa concepção ganha contornos especiais na Amazônia, onde o elo entre os corpos, as águas e os ritmos culturais configuram uma forma única de conhecimento.

¹ Graduando em Licenciatura em Teatro pela Universidade do Estado do Amazonas - UEA. É artista, produtor cultural e fundador do Alegriah Grupo de Arte e Cultura (Manaus/AM), atuando como pesquisador bolsista do programa de extensão, pesquisa e ensino Arte e Comunidade (UEA/ESAT). E-mail: vdigo.tea24@uea.edu.br.

² Professora de Teatro na Universidade do Estado do Amazonas – UEA, diretora Teatral, Atriz e Pedagoga. Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia - UFBA. Mestra e Especialista em Educação na Universidade de Brasília - UnB. Graduada em Artes Cênicas - UnB e em Pedagogia pela Faculdade Catedral. Coordenadora do Programa de extensão, pesquisa e ensino Arte e Comunidade. Atua principalmente nos seguintes eixos: Teatro, Comunidade, Cultura Popular, Pedagogia do Teatro e Educação. E-mail: amandaquiarayres@gmail.com.



As práticas coletivas do Alegriah Grupo de Arte e Cultura, grupo que desenvolve há mais de uma década ações nas periferias de Manaus, revelam como o saber da experiência é tecido pelas vozes das crianças e jovens durante as oficinas ministradas na sede do Alegriah, localizado na rua Hermes Fontes, no bairro Compensa da cidade de Manaus no Amazonas.

Figura 1 – O Artista-educador, Vitor Lima, na sede do Alegriah com as crianças da comunidade



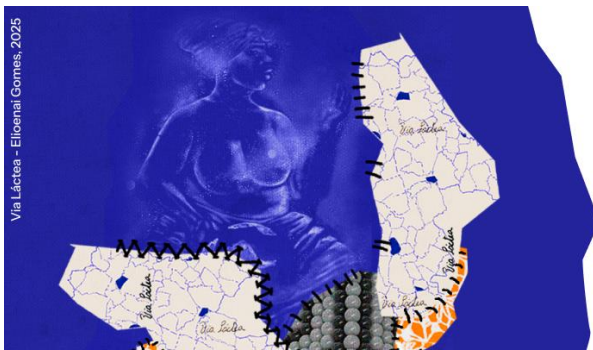
Fonte: Alonso Junior

O Projeto Arte e Comunidade como Pedagogia de Ação e Reflexão

A pesquisa de Amanda Aguiar Ayres (2024) sobre o Projeto Arte e Comunidade no Amazonas oferece um olhar aprofundado sobre o caminho pedagógico desenvolvido pelo programa, destacando o encontro do artista com o Bicho Preguiça como evento simbólico que marcou uma trajetória formativa antes e durante a graduação em teatro. Esse encontro é narrado como experiência sensível e decisiva para a construção de uma prática artística verdadeiramente contextualizada, que articula cultura local, memória e educação (AGUIAR AYRES, 2024).

O Arte e Comunidade é compreendido como uma pedagogia que opera na encruzilhada entre ação, reflexão e criação, favorecendo o diálogo entre universidade e território. Ayres (2024) destaca o cuidado comunitário e a coletividade como fundamentos do projeto, alinhados às epistemologias do Sul (SANTOS, 2014), que valorizam saberes locais, processos culturais e modos de vida amazônicos.

Teatro do Oprimido e a Prática Libertadora na Região da Compensa



O Teatro do Oprimido, metodologia criada por Augusto Boal (1979), caracteriza-se pela transformação do espectador em protagonista ativo, a partir da desconstrução de relações de poder. Na experiência do Alegriah e da UEA, essa metodologia tem sido um instrumento crucial para fomentar processos de conscientização e resistência nos projetos do Alegriah no bairro Compensa. Oficinas como o Jogo do Teatro Imagem e Teatro Fórum, foram adaptadas para abordar temas emergentes, como a violência doméstica, a vulnerabilidade social de cada criança presente no projeto e o apagamento das culturas indígenas urbanas, conformando espaços de ação-reflexão-criação (BOAL, 1979).

Esse uso do Teatro do Oprimido marca uma resistência direta às dinâmicas coloniais e de exclusão, ampliando as possibilidades de expressão e empoderamento dos sujeitos, e configurando um teatro que ultrapassa o palco para ser prática política e estética. O grupo e suas práticas dentro da comunidade começam a mudar, deixa de ser um teatro com um olhar para as produções hollywoodiano, Disney e Contos dos irmãos Grimm e começam a fazer uma prática com um olhar para dentro da cultura local, dentro da Amazônia. Um teatro amazônida, raiz e da terra.

A Estética Amazônica e o Enfrentamento ao Torcicolo Cultural

Oliveira (2011) define o "torcicolo cultural" como a tensão para olhar sempre de fora, especialmente para o Norte global, enquanto desvaloriza os saberes locais, instaurando um padrão estético e epistemológico eurocêntrico. O Arte e Comunidade, segundo a perspectiva de Ayres (2024), vem participando na emergência de uma estética amazônica que valoriza as especificidades culturais e territoriais, como o mito do boto-cor-de-rosa e as cirandas críticas de origem local. Essa virada estética efetua a desconstrução das estéticas europeizadas que marcaram os primeiros trabalhos do Alegriah, promovendo uma dramaturgia híbrida e resistente, fruto da educação nas múltiplas cicatrizes culturais, históricas e ambientais da Amazônia (AGUIAR AYRES, 2024; OLIVEIRA, 2011).

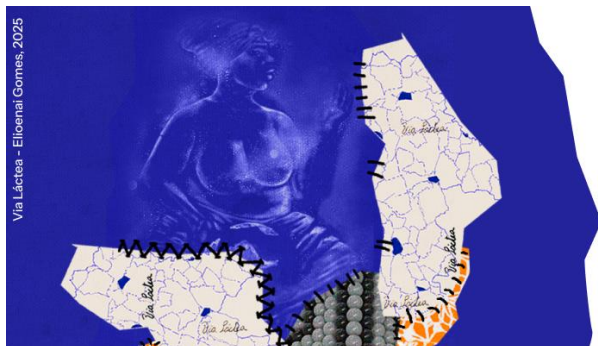


Figura 1 – O Alegriah apresentando o Espetáculo “Ecos Ancestrais” na XI JITU (2024)



Fonte: Luiz Moura

Considerações em processo: Saberes em Rede e o Teatro Vivo da Floresta

Conclui-se que o saber da experiência é um conhecimento que pulsa na vida cotidiana, no encontro dialógico entre academia e comunidade. A pedagogia artístico-cultural da Arte e Comunidade, ao incorporar os saberes locais, revela que uma universidade pode ser espaço de passagem e transformação, rompendo com o paradigma de dominação acadêmica. O diálogo entre a Licenciatura em Teatro da UEA e o Alegriah Grupo de Arte e Cultura podendo rescreve as possibilidades do Teatro do Oprimido na Amazônia, construindo um teatro que não representa apenas a floresta, mas que dela se alimenta, pulsa e reconfigura.

Referência

AYRES, Amanda Aguiar. *A Pedagogia Teatral Arte e Comunidade: Um trajeto de AÇÃO – Reflexão – Criação para-com-por processos artístico-pedagógicos no Amazonas*. 2024. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) - Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas (PPGAC) - Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2024.

BOAL, Augusto. *Teatro do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.



LARROSA, Jorge. Uma experiência de aprender. Educação e Realidade , Porto Alegre, v. 3, pág. 19-36, 2002.

OLIVEIRA, Paulo Freire de. Torcicolo cultural e a colonização da imaginação. *Revista Brasileira de Educação* , v. 47, pág. 85-97, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Epistemologias do Sul* . São Paulo: Cortez, 2014.